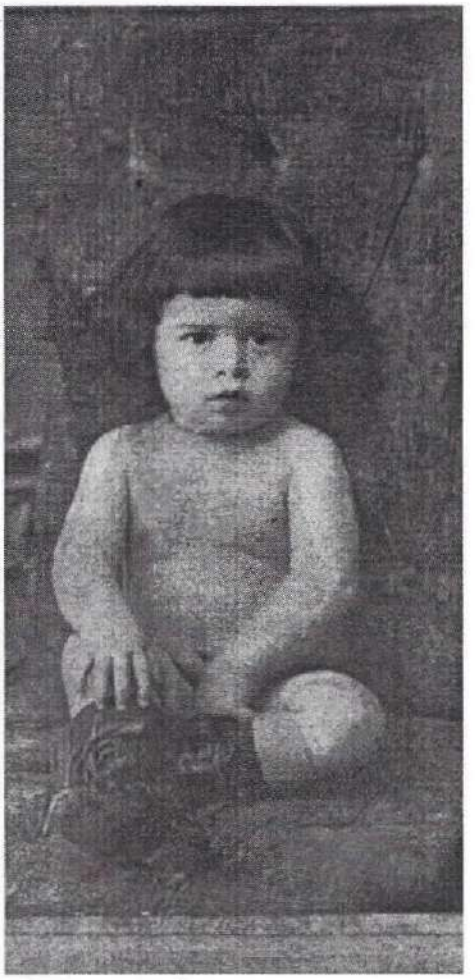
O MAIS MOÇO DOS POETAS, UM LENÇO RUBRO & UMA BONECA DE PELÚCIA: UM SONETO DE TAVERNARD.

Benilton Cruz

Professor da UNAMA. Mestre em Teoria Literária pela UFPa. Escritor e integrante do Malta de Poetas Folhas e Ervas

De todos os poetas paraenses, Antônio Tavernard parece ser o mais moço, o mais criança, o mais envolvido pela alma adolescente, o que não chegou à torre de Hölderlin porque a vida lhe deu um outro tormento que não foi o da loucura. Este preceito de sofrimento atribuído a Tavernard, a dor do sofrimento físico, não lhe roubou o esplendor de uma poesia adolescente e alegre. A hanseníase não foi suficiente para transformar a sua poesia em algo triste.



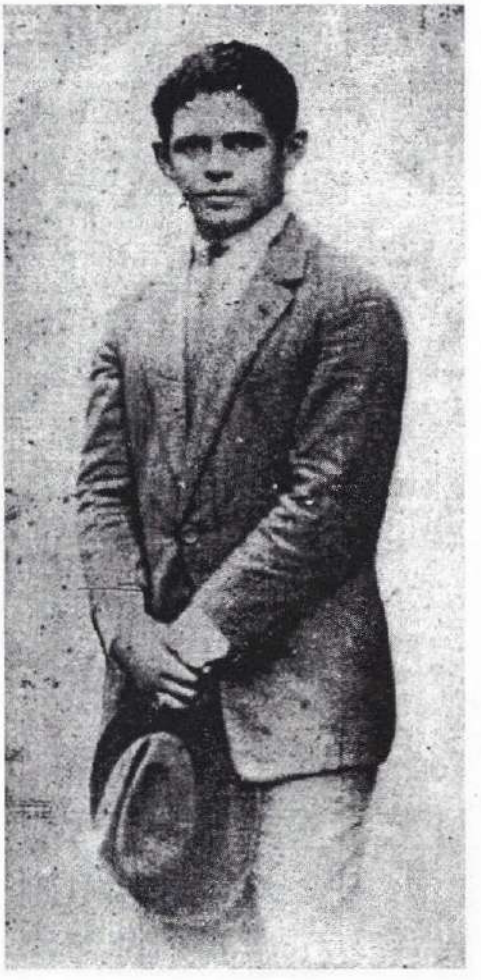
"Toma a tua dor e vem!"[3]

Não se pode começar com o "adágio evangelista da sinceridade", talvez o poema mais conhecido de Tavernard, porque este ensaio de artigo não quer falar sobre dor e poesia na obra do Poeta da Vila. Antes, quer-se mostrar o lado lúdico e pueril em um soneto do autor. É no caminho do entusiasmo que este pequeno estudo perfila um pouco da obra poética tavernardiana. De certa maneira, é mais fácil encontrar uma poesia radiante, uma vez que a alegria é mais sincera quando nasce da dor, deveras inesquecível, pois é inusitada, uma marca de triunfo da vida. É bem mais difícil esconder a alegria na obra de Tavernard, como uma vez escreveu o poeta: "Eu escrevo a sorrir"[4].

O pensamento mais profundo ama o mais vivo
Entende a juventude quem já contemplou
O mundo, e os sábios com freqüência
Acabam preferindo o Belo [1].

Tudo dentro de mim é como uma alameda
que o outono fez dormir nos seus braços de bruma.
Vez em vez, mal a mal, uma a uma,
as cigarras despertam do bochorno [2].

Para começar, apenas para justificar as citações no início do artigo, Tavernard e Hölderlin têm algo em comum, talvez, um pouco da vida em seu sentido puro de palavra e mundo. São dois cisnes-mirins em um lago sob o luar de maio, um mês branco, transcendente, limítrofe, caminho que está sempre no limiar. Tudo o que Tavernard escreveu goteja do orvalho místico e do ardor bárbaro dos predestinados: o limite necessário e a coragem de prosseguir como um esperto gênio-menino, junto as janelas abertas no "Rancho Fundo", de olhar distante, muito além da dor que lhe feriu o gênio e resguardou-o da vida. Hölderlin,



por sua vez, é o mais adolescente dos poetas alemães, só não foi mais criança porque a loucura o levou para onde a linguagem não lhe trouxe de volta. A poesia de Hölderlin é um diálogo com as forças abertas do olhar mais desnudo e tantas vezes inconseqüente que só a pureza infantil é capaz de enxergar no universo por se descobrir. Hölderlin está sorrindo da sua torre; Tavernard passeia timidamente sob as mangueiras de Belém e de Icoaraci.

Não convém repetir a frase "morrem moços, os que amam os deuses", convém lembrar que a obra de Tavernard — dispersa como todo desígnio de

obra — esparsa como a própria natureza do gênio criador — é sempre um convite para uma alegria. Uma alegria originariamente frágil como versos na areia, para lembrar o poema *Similitudes*, no qual se lê que assim como o mar deixa o âmbar na areia assim é o poeta a deixar versos pela vida. Aliás, boa parte da poesia de Tavernard é esse contraponto entre a vida e dor, a oferta está diante da "piedade inútil das estrelas"[5], como se a posse fosse prenúncio para a perda.

Sua obra é um campo aberto à espera da colheita, ao longo de cinqüenta anos depois de sua morte. Toda a sua obra carrega a vontade de presentificar o momento — por isso é dispersa. Quase todo poema de Tavernard é um "é" — um tempo presente, vivo como uma espuma e lúcido como uma nuvem. Antônio Tavernard aquele nome na plaquinha cinza na qual se lê "Rua Antônio Tavernard", no Centur, o centro de convenções de Belém, deve ser lembrado como o poeta mais moço da literatura paraense. Seus poemas tem mais autonomia na boca do povo do que estudos suficientes para qualificar a sua obra. Aliás, é muito fácil encontrar pessoas que saibam recitar de cor poemas de Tavernard, do que eventuais referências de professores de universidades.

Dizer que não pode ser uma lembrança equivale a dizer que não deve ser apenas uma Rua (a do Centur) ou uma Casa (a Casa do Poeta em Icoaraci, hoje infelizmente desfigurada do seu ideal): Antônio Tavernard é sempre uma descoberta como todo poeta que marca sua cultura e a sua língua. Esquecê-lo é esquecer um pouco de uma reflexão mais apurada sobre a linguagem em modos e expressão no texto poético escrito no Pará. Esquecer a obra de um poeta é uma atrocidade que vai se vingar um dia a memória quando se precisar zelar os segredos das palavras e da linguagem de uma época e precisamente da cultura. A memória sim, acontece a cada momento em que se lê os seus poemas. Poeta é aquele que dá liberdade às palavras, estas que sempre dirão algo à poesia, como "os pássaros livres antes da invenção da gaiola"[6]. Não se pretende ser essa gaiola, com este ensaio de artigo, na tentativa de legitimar algo que por si só basta: a destreza de Antônio Tavernard com os sonetos.

"Duplicidade" é um desses sonetos que não se esquece à primeira leitura. Publicado na revista "A Semana" em 20 de fevereiro de 1932, periódico do qual foi um colaborador, Tavernard foi um celeiro de poemas não só para a imprensa paraense, mas também para a de outros estados. Como se reporta o professor Geogernor Franco em um artigo da "Folha do Norte" em 10 de outubro de 1944: "Aos 19 anos de idade obteve o segundo lugar no concurso de contos nacionais da revista 'Primeira', da qual foi assíduo colaborador. Foi redator-chefe da revista 'A Semana', tendo colaborado em quase toda a imprensa do país."[7] Ou seja, a obra de Tavernard encontra-se dispersa em revistas e jornais. Obra dispersa, ao contrário de sua vida concentrada em apenas 28 anos incompletos: o poeta nasce em 10 de outubro de 1908 e morre em 2 de maio de 1936.

Todavia, sempre se pode ler na poesia de Tavernard o acalanto da liberdade adolescente, a cumplicidade com os enigmas da juventude, poesia em seu lugar para existência. Assim, Tavernard, como o jovem Virgílio, abre caminho para jovens poetas: sempre se encontra alguém que saiba um de seus poemas de cor. No espaço de toda uma juventude que se inicia ao criativo reino da poesia, em Belém ou em Icoaraci, é quando se pode dizer: Tavernard trouxe a inovação de Verlaine e de Cruz e Sousa, trouxe um lugar para a sua poesia existir, ali, quando a cidade de Belém do Grão Pará recebia os últimos influxos da cultura francesa, marcada pela *Belle Epoque* e pelo laivos crepusculares de um tímido Simbolismo, aquele que Octavio Paz chamará

de o apogeu de uma tradição poética que se iniciou com os grandes românticos[8]: talvez a última vértice de um Simbolismo, este no Brasil, teria repousado naquela triste manhã de maio de 1936 no Cemitério de Santa Isabel.

Agora sobre a trajetória de vida, a profissão do poeta é o entusiasmo. Em cada palavra o frescor da primeira palavra e o raio fulgurante de horizonte, linguagem a se fazer linguagem. Reverso e mutilação, a coragem para que a obra se produza como um corpo cuja palavra é apenas um cúmplice. Sublime cúmplice de uma inversão como a do dia que divide e a da noite que une, esta é a poesia: continuidade. O reverso assegura a profusão da obra: tirar alegria da tragédia é tarefa dos predestinados, efusão de vida sobre escombros, a mística depuração de um bárbaro. Só uma língua universal pode destravar os elos da ruína humana em seu algoz prometéico: a *poiesis*, a ação de fazer algo, será também a voz da subjetividade afirmadora. Assim, toda poesia é ordem, a sagrada que se revela no criar coisas novas, na obra de Antônio Tavernard[9]: o sagrado que só pode ser visto com a poesia. Diz-se por aí que ela é como uma língua universal na mesma profusão da do sagrado. A poesia está na palavra como a luz está nos olhos, para iluminar. Antônio Tavernard é um poeta feliz, ele traz para a palavra a profissão do poeta: o entusiasmo.

Antônio Tavernard, místico e bárbaro, dois adjetivos emprestado do seu livro póstumo publicado em 1953, dezessete anos depois da sua morte. Místico e bárbaro são epítetos que lhe dão um certo perfil, embora incompleto. Antônio Tavernard, místico, um nome marcado pela ascese do T, na identidade da letra que marca AnTônio e marca Tavernard: desconfiado, solitário, lutador temível, o que "triunfa pelo desgaste de tudo o que lhe resiste de viva força"[10]. Antônio Tavernard, bárbaro, senhor dos coros de tarlatana, a seda indiana, de lenço rubro na garganta, lenço que só a mãe tem coragem de beijar, o canto vermelho do cisne, sangrando e sagrado, estrangeiro, entre gregos e romanos, rude, monge, invasor e exilado:

Minha vida
é como taça de cristal partida
em que beberam deuses e animais

(Prece de Natal)

A oração em que se guarda a palavra, religião privada, uma tímida significância de modernidade, pois que a poesia tornou-se uma espécie de oração nos tempos modernos, no caso de Tavernard, a sua fé é nitidamente um caso à parte, sua contrição transcende do poema para se colocar ao lado do fervor religioso para gravar a voz de um sentimento universal. Assim, poeta é quem escreve um poema que ninguém escreverá por ele, ou melhor, escreve um poema que todos querem escrever. Escreve na linha de uma fronteira. Um poeta de fronteira é a mística cristã na poesia de Tavernard. O mais moço dos moços não foi pagão.

Cabe avaliar, no aspecto da cultura regional, como a relação existente entre a sua poesia e o sagrado prende-se à tradição cristã nazarena fortemente impregnada no Pará. Está aí outro elo entre o texto poético do Poeta da Vila e a cultura paraense: uma ligação a ser pensada entre o cristianismo e poesia, como a obra poética de Mário Faustino, no aspecto da cultura ocidental, ao infundir valores da tradição grega e a religiosidade católica no admirável soneto "Estava lá Aquiles que abraçava". Os fluxos e influxos do segundo domingo de

outubro, o clima festivo da véspera do círio, essa alma de extremo vigor de coletividade que contamina os lares paraenses é uma outra página a ser escrita a partir dos versos de Tavernard.

Sabe-se que a poesia e o sagrado tiveram um papel importante na passagem da barbárie à civilização, a filosofia de Giambattista Vico sobre *os Princípios de uma Ciência Nova* de 1725 que o diga. A poesia para o filósofo de Nápoles é a própria origem das línguas. Já o sagrado é algo que tem a ver com a decifração e a revelação das coisas. Isso quem ensinou aos poetas foi Hesíodo na *Teogonia*, de alguma forma a poesia é como a linguagem: uma relação que entre as coisas, a consciência do ser de símbolos, a palavra é essa justeza de um acorde: homem e mundo. Todo início começa no sopro de poesia, na sua tarefa de anteceder, a santidade da criação, a ingênua fúria, desobediência ao signo, a metáfora como a terceira relação e completitude, a liberdade, ou melhor, a essência da palavra, a transgressão, a mais livre das liberdades.

É essa uma das tarefas do poeta, a de encontrar na palavra o seu vazio, a essencial medida da música da linguagem, como se fez em "Duplicidade", um dos sonetos mais belos entre os seus pares, cuja leitura é de se abandonar ao fado involuntário em um justo acorde de discreta vibração pueril em um reviver da pureza que se completa com o inexistente, o misterioso amor, além da carne e do sonho, amor como viagem ao desconhecido, — além, cruz e sousiano, baudelairiano, correspondente de sentido:

Minha linda boneca de pelúcia,
com sutis redondezas de mulher
tens um nome romântico — Alba Mucia
e um perfume que canta — Chanteclair.

Roubaste às gatas a felina astúcia
que alcança tudo o que almeja e quer
esse jeito de andar, essa fidúcia
e essas unhas de um jaspe rosicler.

À noite, quando sais do inexistente
e vens viver alucinadamente
entre um grande soluço e um grande beijo

nas páginas do livro onde te lanço
sinto que és carne porque te desejo
sinto que és sonho porque não te alcanço.

A beleza é rota para a transcendência: eis o mais moço dos poetas paraenses, aquele cujo o reverso se escreveu um enigma corajoso para dirigir os que vieram depois. A duplicidade do soneto guarda a sua incrível relação com os jovens poetas, guarda o seu admirável lirismo órfão, Orfeu-cristão, e revela: é impossível não sentir saudades de Tavernard. Como uma vez o poeta escreveu em um outro soneto, *Analogia,* "este é o destino dos predestinados/ tornar bens outra vez os bens passados", assim este artigo se propôs: sentir a beleza que não morre.

O reino da pureza é terrível (para não citar com mais detalhes Sophia de Mello Breyner Andresen e a *Primeira Elegia* de Rilke). Será o inexistente da beleza e sua busca constante o círculo e o templo do poema? Terá sido Prometeu um poeta a roubar a Palavra, a centelha na férula oca, uma palmatória mais humana? Terá sido Tavernard um ladrão de fogo rimbaudiano-aprendiz, nazareno-mariano de outubros infinitamente paraenses?

Ave, Tavernard!, façamos um ponto aí, pois até Prometeu, a glória nietzscheana da atividade, foi discreto e prudente. O soneto acima esbarra na música e no amor de Orfeu, aquele que amou como os deuses não amaram, aquele que foi fiel como os deuses não foram. "Duplicidade" pode ser incluído em qualquer antologia de sonetos líricos da língua portuguesa. É um daqueles sonetos de bolso, pronto para ser lido em uma roda de amigos, ou adolescentemente recitado para uma Eurídice desatenta.

[1] Hölderlin, Friedrich. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo : Companhia das Letras, 1991, p. 107.
[2] Tavernard, Antônio. Nirvana. In: *Obras Reunidas de Antônio Tavernard*. Belém : Conselho Estadual de Cultura, 1986, p. 199, (v. I).
[3] Idem, *Roteiro Humano*
[4] Idem, Em Louvor, p. 317.
[5] Idem, em Retinas de Desespero, p. 86.
[6] Trecho de uma entrevista do poeta português Albano Martins no livro de Denira ROZÁRIO *Palavra de Poeta*, p. 177.
[7] Franco, Geogenor. Um poeta, um destino. In: *Obras Reunidas de Antônio Tavernard*. Belém : Conselho Estadual de Cultura, 1986, p. 41, (v. I)
[8] PAZ, Octavio. *A outra Voz*, p. 6: "Não vivemos o fim da poesia, como dizem alguns, e sim de uma tradição poética que se iniciou com os grandes românticos, atingiu seu apogeu com os simbolistas e seu fascinante crepúsculo com as vanguardas de nosso século. Outra arte amanhece."
[9] Em um depoimento, a irmã mais velha do poeta, Maria Irene Tavernard dos Santos, residente no Rio de Janeiro, confidenciava em *O Liberal* de 04/05/86: "Em todos seus trabalhos escrevia, em cima, a palavra Deus."
[10] Föster, Michael. *As Letras*. Trad. Celina Monteiro. São Paulo : Martins Fontes, 1986, p. 97.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FÖSTER, Michael. *As Letras*. Trad. Celina Monteiro. São Paulo : Martins Fontes, 1986.

HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas*. Sel. Trad. e notas de José Paulo Paes. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

PAZ, Octavio. *A outra Voz*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo : Siciliano, 1993.

REGO, Clóvis Moraes. Antônio Tavernard, poeta e mártir. O Liberal. 04/05/86. p. 22.

ROZÁRIO, Denira. *Palavra de Poeta, Portugal*: entrevista com os maiores poetas portugueses de hoje e breve antologia de seus poemas. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1994.

TAVERNARD, Antônio. *Obras Reunidas de Antônio Tavernard*. Belém : Conselho Estadual de Cultura, 1986, v. 1.